

# Leopoldina

IMPERATRIZ E MARIA DO BRASIL

A Comissão Curadora do Bicentenário da Independência  
apresenta



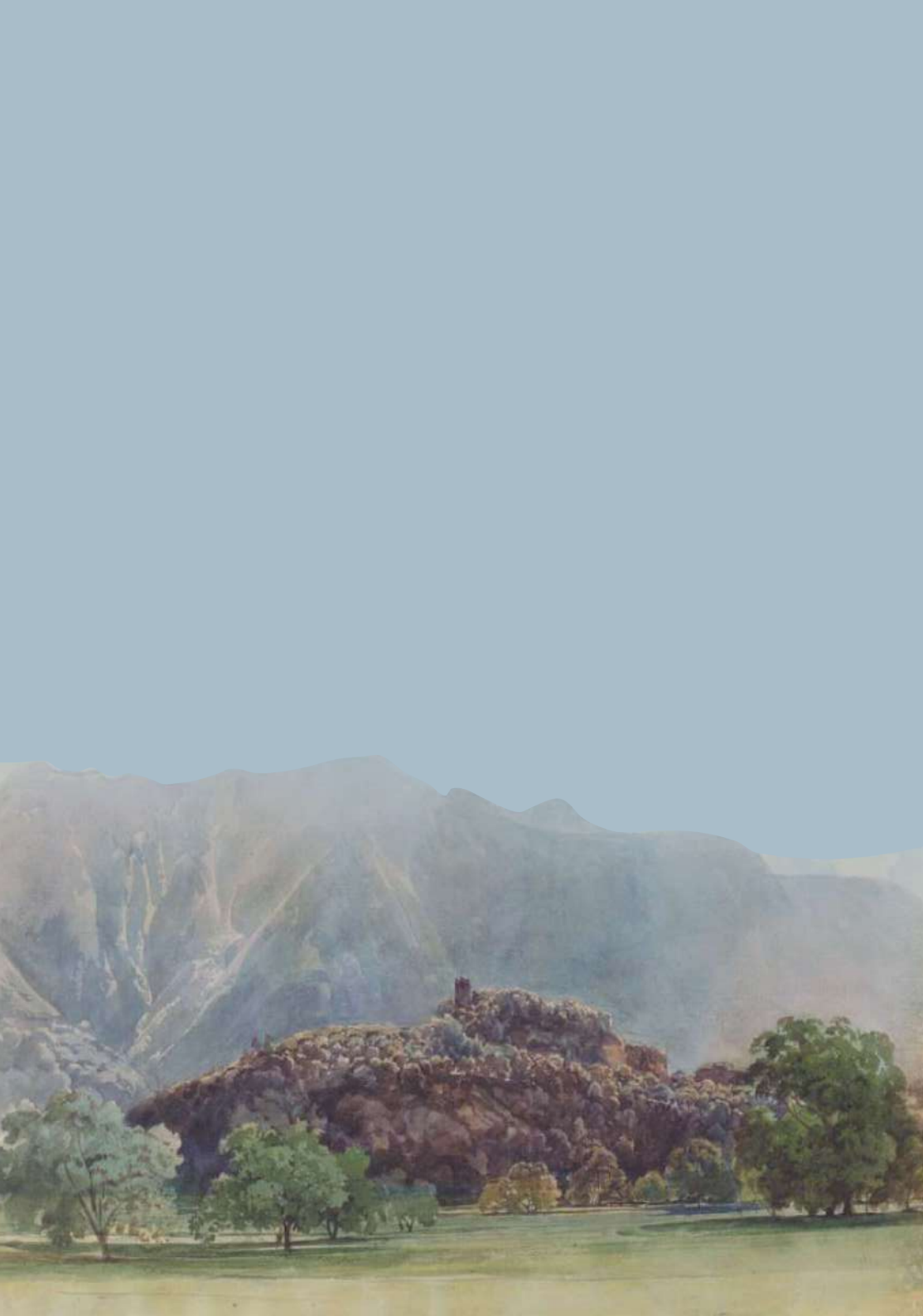
Memória da Exposição

*Leopoldina*  
IMPERATRIZ E MARIA DO BRASIL

200 anos de Independência  
Bicentenário da Vinda de D. Leopoldina ao Brasil  
1817 – 2017



Centro Cultural  
Secretaria de Comunicação Social



A vinda da Corte Portuguesa para o Brasil acentuará as suas diferenças para a América Espanhola ao solidificar os vínculos do Brasil com a monarquia lusitana. O Reino Unido Portugal Brasil e Algarves nasceu, portanto sob o brilho da coroa.

Em um contexto em que casamentos eram atos políticos e diplomáticos a sinalizar convênios entre nações, chegou a hora de casar o príncipe herdeiro, Dom Pedro.

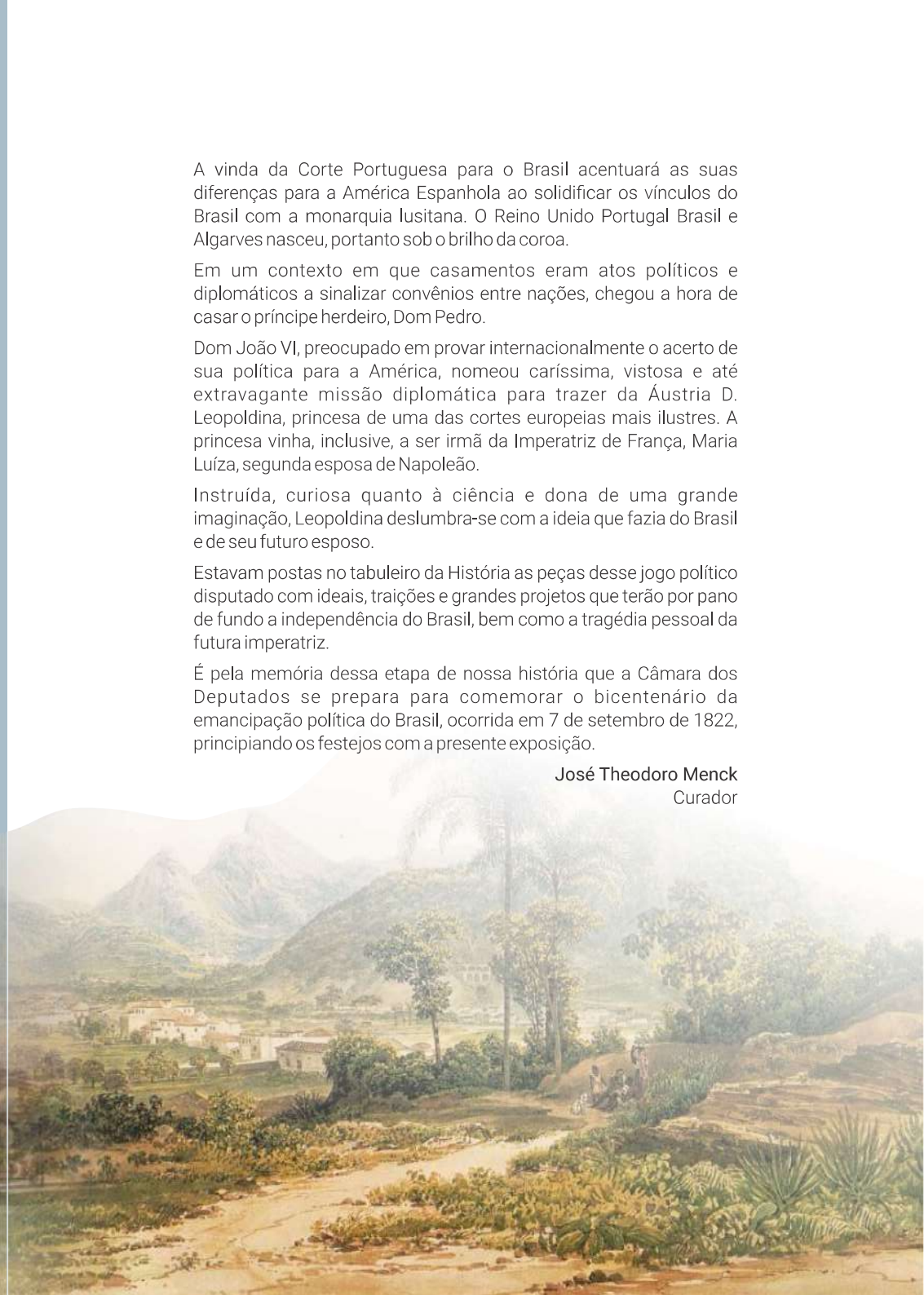
Dom João VI, preocupado em provar internacionalmente o acerto de sua política para a América, nomeou caríssima, vistosa e até extravagante missão diplomática para trazer da Áustria D. Leopoldina, princesa de uma das cortes europeias mais ilustres. A princesa vinha, inclusive, a ser irmã da Imperatriz de França, Maria Luíza, segunda esposa de Napoleão.

Instruída, curiosa quanto à ciência e dona de uma grande imaginação, Leopoldina deslumbra-se com a ideia que fazia do Brasil e de seu futuro esposo.

Estavam postas no tabuleiro da História as peças desse jogo político disputado com ideais, traições e grandes projetos que terão por pano de fundo a independência do Brasil, bem como a tragédia pessoal da futura imperatriz.

É pela memória dessa etapa de nossa história que a Câmara dos Deputados se prepara para comemorar o bicentenário da emancipação política do Brasil, ocorrida em 7 de setembro de 1822, principiando os festejos com a presente exposição.

**José Theodoro Menck**  
Curador







## Uma Arquiduquesa da Áustria

D. Carolina Josefa Leopoldina Francisca Fernanda nasceu no Castelo de Hofburg, em Viena, Áustria, em 22 de janeiro de 1797, no seio de uma das mais ilustres e mais nobres casas reinantes da Europa de seu tempo, a Casa de Habsburgo.







A jovem princesa Leopoldina de Habsburgo cresceu no ambiente familiar da corte de seu pai, o Imperador Francisco I da Áustria.

Autêntica, alegre e bem-falante, encantava os irmãos e a própria madrasta, que mimava a menina mais do que a todos os outros enteados.





No esplendor da corte austríaca, Leopoldina, que como todos os membros de sua família teve uma educação primorosa, destacava-se pelo grande interesse em ciências naturais, talvez despertado pelo pai, conhecido naturalista.

Mas desde muito jovem mostrou grande interesse nas terras longínquas dos trópicos, quem sabe influenciada pelos belos murais que ainda hoje podem ser vistos em alguns apartamentos de Schonbrunn, palácio em que cresceu. Neles, o artista Johan Wenzel Bergl fundiu, em fantásticas paisagens, a exuberância tropical e a suavidade dos climas temperados. Entre cenas improváveis e românticas, podemos ver paisagens brasileiras, como a que tem ao fundo vista do morro Pão de Açúcar.





A imaginação da princesa terminaria de ser cativada pelo retrato em miniatura de seu futuro esposo desenhado em riquíssima joia com que foi presentada por ocasião das negociações para o casamento.

A distância entre a realidade da terra para que viria e a rusticidade dos hábitos seriam os contrapontos para todo o sonho da jovem princesa no refinamento da corte em que nasceu e foi criada, fatos omitidos pela Missão Diplomática enviada por D. João VI a Viena.

# Casamento

De uma corte austríaca erudita, governada por um monarca estudioso e culto, para uma corte desterrada da Europa, nos subúrbios do mundo, Leopoldina encontra ali um Rei que, embora bondoso, vê-se cercado por uma família disfuncional e carente de ordem.

Em que pese o primeiro entusiasmo com o esposo e simpatia pelo sogro, Leopoldina rápido se desencanta e sonha retornar ao benefício dos ares europeus.

É com relutância que cede ao destino e se acomoda ao novo reino, a tal ponto que chega a se identificar apaixonadamente com o povo brasileiro e, ao lado dele, põe-se a planejar sua independência.







Marquês de Marialva



Príncipe Metternich

As negociações do casamento da arquiduquesa da Áustria com o herdeiro da Coroa Portuguesa foram conduzidas, no lado português, pelo marquês de Marialva, ministro plenipotenciário de D. João VI e, no lado austríaco, pelo primeiro-ministro da corte de Viena, príncipe Metternich, o grande articulador do Congresso de Viena, em que buscou restabelecer a balança de poder na Europa, depois da derrocada de Napoleão Bonaparte.

**Carolina Josefa Leopoldina Francisca Fernanda de Habsburgo-Lorena casou-se com D. Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bourbon e Bragança, então príncipe do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, em 13 de maio de 1817.**

*"O casamento foi realizado na igreja dos Agostinos, em Viena, por procuração, e o noivo foi representado pelo arquiduque Carlos, tio da princesa."*

*"A arquiduquesa tinha tido uma educação rígida, ao contrário de seu noivo. D. Pedro morava com seu pai, depois que seus pais passaram a residir separadamente, e gozava de total liberdade, sem receber quase nenhuma educação ou mesmo estudo."*

*"Diante da rudeza do cenário da corte brasileira e do ambiente familiar drasticamente distinto, restaram, como pequena compensação às humilhações que lhe impuseram, as riquezas da natureza brasileira, que sempre a entusiasmaram."*

*"ainda se não havia visto em Viena uma tão aparatosa embaixada, como aquela que S. M. me confiou".*

*Marquês de Marialva*

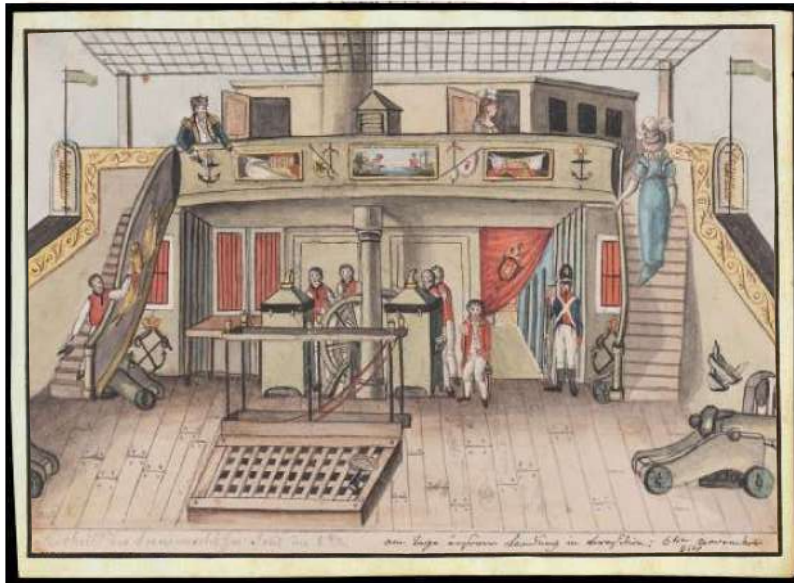


"O rei D. João VI, conhecido por sua parcimônia nos gastos e por usar roupas surradas, quis, diante da Europa, alimentar o mito da incomensurável riqueza do Brasil e concedeu ao marquês de Marialva um alto crédito bancário, diamantes, pedras preciosas e joias.

A generosidade nos gastos e outras tantas meias verdades diplomáticas que Leopoldina só veio a reconhecer mais tarde a prepararam para o encontro com seu esposo. Ela, por sua vez, empenhou-se em estudar todos os livros e mapas geográficos relativos à América do Sul e começou a treinar a língua portuguesa."



# Viagem ao Brasil



Convés da Nau D. João VI

D. Leopoldina pode ser vista de perfil na parte superior da aquarela de Franz Joseph Frúbeck, um jovem austríaco de 20 anos que veio com a comitiva, na qualidade de assistente do bibliotecário da Arquiduquesa.



Era a primeira vez na vida que D. Leopoldina via o mar. A viagem se estenderia por longos 86 dias, tendo passado por diversas borrascas. A bagagem da princesa era composta de 40 caixas "da altura de um homem", com o seu enxoval, livros, suas coleções de botânica e de mineralogia, bem como presentes para todos os membros da família real portuguesa.

Em 14 de agosto, D. Leopoldina escrevia a seu pai:

*"Já me encontro no meu navio, fui recebida de maneira mui emocionante e cordial; os meus quartos são magníficos."*







A frota portuguesa, de apenas dois navios, São Sebastião e Dom João VI, chegou em 25 de julho ao porto de Livorno, na Itália. A tripulação dos dois navios era de mais de 1.300 homens. Como suprimentos alimentícios havia a bordo inúmeros animais vivos: vacas, porcos, ovelhas, 4.000 galinhas e centenas de patos. Canários, papagaios e outras aves – mais de 500 – deveriam divertir os viajantes.

"A arca do eternizado Noé era certamente um brinquedo de criança em comparação com o navio (D. João VI) - Deus o salve de um naufrágio." – exclamou Metternich, o Comissário da Entrega da Princesa às autoridades portuguesas, após visitar os navios que tiveram de acomodar o grande número de passageiros. Sessenta canhões deram lugar a cabines para as damas da corte e serviçais.

*"Dias 26 e 27, tivemos tempestade tão forte que todos os marinheiros só conseguiram se arrastar e todas as velas foram recolhidas; minha cama subia como um balão e para não cair fiquei me segurando numa corda, mas mantive a coragem e o bom humor; os outros os perderam pois não estavam viajando por amor a um esposo."*

(Carta à irmã Maria Luíza, agosto de 1817)





# A chegada

*"(...) acho que nem pena nem pincel podem descrever a primeira impressão que o paradisíaco Brasil causa a qualquer estrangeiro; basta dizer-lhe que é a Suíça com o mais lindo e suave céu; na entrada da baía há três belos fortes, além de vários grupos de ilha; ao longe vislumbram-se altíssimas montanhas cobertas de palmeiras e muitas outras espécies de árvores."*

(Carta à irmã Maria Luísa, agosto de 1817)





“O Rio de Janeiro presenciou grandes festas pela chegada e desembarque de D. Leopoldina. A cidade iluminou-se nas noites de 5 a 8 de novembro, enquanto os sinos tocavam. A Rua Direita desde a ladeira de São Bento até o Largo do Paço foi coberta de areia, ervas odoríferas e flores. As portas e janelas das casas, ornamentadas. Patrocinado pelo comércio, ergueu-se um arco de 50 palmos, obra de Grandjean de Montigny e Debret, em que se encontravam as armas do Reino Unido e as águias do Império Austríaco, emblemas do antigo e novo mundo, as legendas "Januários" e "Danúbios", duas figuras da Fama, e as iniciais P. C. [o primeiro nome de D. Leopoldina era Carolina]. Outro arco se levantou defronte da Rua do Sabão, imitando mármore de várias cores. Em frente à Igreja de Santa Cruz, via-se um triunfo romano com oito estandartes, para celebrar a Bondade, a Amabilidade, a Doçura, a Sensibilidade, a Beneficência, a Constância, o Espírito, o Talento, a Ciência, os Encantos, a Graça, a Modéstia e a Felicidade Pública.” (...)

“Às duas horas da tarde, desembarcou D. Leopoldina num arsenal de Marinha pela mão do seu marido, o príncipe D. Pedro, e ambos tomaram o mesmo coche do rei e da rainha. Um coche real, forrado de veludo carmesim, puxado por oito cavalos e três carruagens, todas de quatro rodas, puxadas a dois e quatro cavalos (...). Na Capela Real, houve um *Te Deum Laudamos* cantado sobre a regência de Marcos Portugal.”

**Octávio Tarquínio de Sousa**





*"Estou frequentemente com o rei, que amo e prezo como a um pai; (...) é muito benevolente comigo e sempre valorizo tudo que lhe dá alegria e o faz ficar satisfeito comigo."*

(Carta ao pai, Francisco I, 7 de setembro de 1817)

*"(...) nada posso te enviar pela condessa Kuenburg, porque meu sogro não confia nela, já que está constantemente com a querida cara-metade dele, a qual se comporta de maneira vergonhosa; no que me tange, tenho todo respeito possível por ela, mas lealdade e consideração são impossíveis; até meu esposo não os tem" (...)*

(Carta à irmã Maria Luísa, 10 de dezembro de 1817)

Nos primeiros tempos, como princesa real, D. Leopoldina viveu momentos felizes. Acompanhava seu marido em todas as funções de Estado, saíam diariamente a cavalo para caçar ou visitar obras.

Assim, conquistou a confiança e o respeito do marido.



*"Não tenho palavras para descrever minha felicidade, pois meu esposo tem bom coração e muitos talentos e boa vontade em me instruir, pois não é culpa sua se algumas pessoas acham que deveria ser diferente; isso é porque não o conhecem bem, pois quanto mais se conhece ele, tanto mais parece melhor; por isso peço ao senhor que não acredite no que contam sobre ele, mas apenas no que lhe escrevo."*

(Carta ao pai, Francisco I, 4 de abril de 1819)



Fazenda Imperial de Santa Cruz, onde D. Leopoldina e D. Pedro passaram sua lua de mel





## De Princesa a Imperatriz

D. Leopoldina chega ao Brasil transportada por idealizações e aporta na dura realidade de um jogo político complexo:

A corte portuguesa, fugida de Napoleão, chega, em 1808, a um Rio de Janeiro urbanamente precário e eleva o Brasil à categoria de Reino Unido de Portugal e Algarves, desenvolvendo açodadamente o jovem país.

O novo reino sonha com a plena equiparação política com a antiga metrópole, para ciúme das cortes portuguesas que ousam mesmo propor o retrocesso do Brasil à condição de colônia.

A sequência de eventos é avassaladora. Leopoldina tem visão privilegiada de todo o cenário e percebe que o retorno do Príncipe a Lisboa e a obediência às cortes seriam erro político crasso, porque isso equivaleria a perder a oportunidade de independência do país, que terminaria por se fazer em algum momento obviamente, mas com grave prejuízo da Casa de Orleans e Bragança.

Sua ação é para convencer o príncipe relutante a tomar posição de protagonista e romper com Portugal, reivindicando a coroa para si.





"Ninguém está mais bem informado do que o senhor, querido papai, sobre a desagradável situação a que nos levou o espírito de liberdade, meu esposo jurou a Constituição no Rio de Janeiro e o rei partirá dentro de poucos dias para Portugal."

(Carta ao pai, Francisco I, 2/4/1821)

"Sua Majestade, Rei [D. João VI] está sendo mantido pelas cortes numa prisão elegantemente disfarçada; nossa partida para a Europa é impossível, já que o nobre espírito do povo brasileiro se mostrou de todas as formas possíveis e seria a maior ingratidão e erro político crassíssimo se nosso empenho não fosse manter e fomentar a sensata liberdade e consciência de força e grandeza desse lindo e próspero reino que nunca poderá ser subjugado pela Europa."

(Carta ao pai, Francisco I, 8/8/1822)

"O Senhor pode estar certo de que nós, brasileiros, nunca seremos capazes de sofrer as extravagâncias da Mãe-Pátria e que trilharemos sempre o caminho da honra e fidelidade."

(Carta ao Marquês de Marialva, 10/5/1822)

"Temos aqui quase que diariamente tumultos revolucionários das tropas de Lisboa; o povo e o exército do Brasil são excelentes e fiéis súditos, mas a força lhes impõe silêncio."

(Carta ao Marquês de Marialva, 9/6/1821)

"Meu adorado esposo partiu para estabelecer a paz em São Paulo."

Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1822

"Aqui está uma verdadeira miséria, todos os dias novas cenas de revolta; os verdadeiros brasileiros são cabeças boas e tranquilas, as tropas portuguesas estão animadas pelo pior espírito e meu esposo, infelizmente, ama os novos princípios e não dá exemplo de firmeza, como seria preciso para atenuar a única causa de sua terra."

"O Brasil é, sob todos os aspectos, um país tão maduro e importante, que é incondicionalmente necessário mantê-lo. Não reconhecerias mais aquela Leopoldina tantas vezes alegre demais e me acharias extremamente séria."

(Carta à irmã Maria Luísa, 2/7/1821)

"Aqui quase que diariamente tumultos revolucionários das tropas de Lisboa; o povo e o exército do Brasil são excelentes e fiéis súditos, mas a força lhes impõe silêncio."

"O príncipe está decidido, mas não tanto quanto eu desejaria. (...) só desejaria insuflar uma decisão mais firme."

(Carta a Georg Anton Von Schäfer, 2/7/1821)







Pedro,

O Brasil está como um vulcão. Até no paço há revolucionários. Até portugueses revolucionários. Até oficiais das tropas são revolucionários. As cortes portuguesas ordenam nossa partida imediatamente; ameaçam-nos e humilham-nos. O Conselho de Estado nos aconselha a ficar. Meu coração de mulher e de esposa prevê desgraças, se partirmos agora para Lisboa. Sabemos bem o que tem sofrido nossos pais. O rei e a rainha de Portugal não são mais reis, não governam mais, são governados pelo mesmo despotismo das cortes que perseguem e humilham os soberanos a quem devem respeito. Chamberlain, vos contará tudo o que sucede em Lisboa. O Brasil será em nossas mãos um grande país. O Brasil vos quer para seu monarca. Com o vosso apoio ou sem o vosso apoio, ele fará sua separação. O pomo está maduro, colhe-o já, senão apodrece. Ainda é tempo de ouvirdes o conselho de um sábio que conheceu todas as cortes da Europa, que além de vosso ministro fiel, é o maior de vossos amigos. Ouvi o conselho de vosso ministro, se não quiserdes ouvir o de vossa amiga. Pedro, o momento é o mais importante de vossa vida. Já dissestes aqui o que ireis fazer em São Paulo. Fizei, pois. Tiveis o apoio do Brasil inteiro e, contra a vontade do povo brasileiro, os soldados portugueses que aqui estão, nada podem fazer.

Leopoldina

"O pomo está maduro, colhe-o já, senão apodrece"

Ao saber que Dom Pedro proclamara a independência, tomada de alegria, Leopoldina define que todos os que apoiassem a independência deveriam usar no braço uma fita verde – a cor da Casa de Bragança –, mas não havendo mais fitas verdes no paço, a princesa arrancou as que enfeitavam seus travesseiros e distribuiu-as entre os presentes.



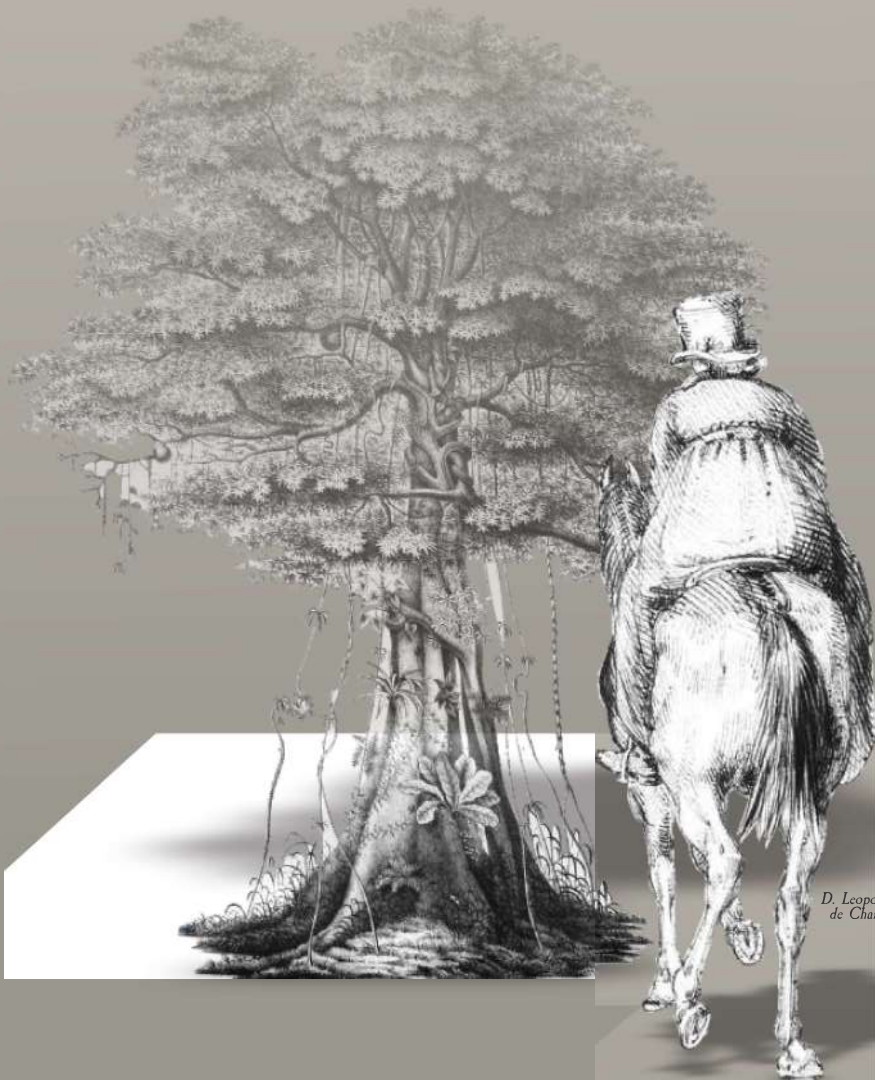
"Suas majestades são extremamente populares.

A sua juventude, seu espírito, a situação especial em que se encontram, tudo é interessante."

Maria Graham, em *Journal of a Voyage to Brazil*







*D. Leopoldina a cavalo,  
de Charles Landseer*

Gestada a independência, vinda à luz a nova nação, o casal imperial se afasta aos poucos.

A partir de 1823, D. Leopoldina sofre a afronta de ver a amante do imperador cada vez mais próxima do marido e da corte, ampliando seu poder político. À imperatriz restam pequenos prazeres como o convívio com os filhos e longas cavalgadas pelas matas cariocas onde coletava espécimes animais e vegetais para, depois de cuidadosamente embalados e catalogados, enviar a seus próximos na Áustria.

Em novembro de 1826, grávida e com a saúde já muito abalada, despediu-se de D. Pedro, que partia em viagem ao sul do país. Alguns relatos afirmam que, reconciliados depois de uma grande discussão, ambos choravam muito, ela dizendo-lhe que na sua volta ele já não a encontraria.

Em nove anos de casamento, a Imperatriz teve nove gravidezes e sete filhos, dos quais quatro chegaram à idade adulta: Maria da Glória (a futura D. Maria II de Portugal), Januária, Francisca e Pedro (nosso futuro D. Pedro II).

Faleceram na infância Miguel, logo após o nascimento, Paula Mariana, aos nove anos, e João Carlos, com um ano de idade.

# Morte e Luto

O Rio de Janeiro só aos poucos foi tomando conhecimento da progressiva gravidade da doença da imperatriz pelo Diário Fluminense, que já, no dia 29 de novembro, anunciava o comunicado subscrito por João Valentim de Faria Souza Lobato, porteiro da Imperial Câmara:

*"Em consequência de continuar o incômodo de Sua Majestade a Imperatriz, não há beija-mão nos dias 1 e 2 do próximo mês de dezembro". A este aviso, seguiram-se outros no mesmo periódico, informando à população do agravamento do quadro clínico de infecção, até o 17º boletim médico que, no dia 11 de dezembro, dizia:*

*"Pela maior das desgraças se faz público que a enfermidade de S. M. a Imperatriz resistiu a todas as diligências médicas, empregadas com todo o cuidado por todos os médicos da Imperial Câmara".*



*"Durante a moléstia não houve quase pessoas, de qualquer classe da sociedade, que não fosse uma ou mais vezes ao palácio de São Cristóvão inscrever seu nome, saber notícias do estado da augusta enferma, e mostrar interesse pelo seu restabelecimento."*

J. M. Pereira da Silva

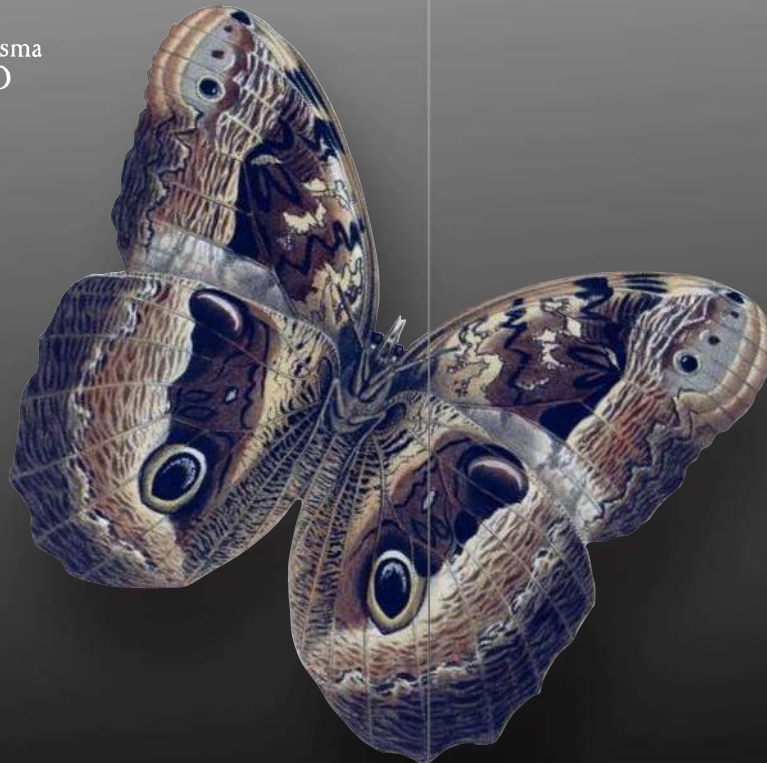
*"O desalento entre o povo era indescritível. O Povo se ajoelhava nas ruas para rezar ao Todo-poderoso pela vida da imperatriz com verdadeira devoção, e muitas lágrimas rolavam".*

Oberacker - Leopoldina





Morre Leopoldina, e a jovem nação jaz em total silêncio e dor. Escravos lamentam a perda de sua protetora, os mais pobres sentem a orfandade da benevolente Imperatriz. Não é fácil enterrar um símbolo da magnitude de D. Leopoldina, menos ainda reorganizar a estrutura política sem o sustentáculo moral e a clarividência daquela que foi a parceira incansável do imperador. Substituir-lhe no trono com a mesma grandeza, uma impossível tarefa. O Brasil segue o cortejo fúnebre em luto impenetrável.



"Desde o triste momento da morte de S. M. a Imperatriz, o som dos sinos, os tiros de canhão de todos os fortes, disparados de dez em dez minutos e que continuaram até depois do enterro, anunciaram o triste acontecimento ao público que manifestava a sua dor por um silêncio quase absoluto, e antes do fim do dia todo o mundo mostrava-se de luto."

Barão Wenzel von Mareschal, representante do Imperador da Austria no Brasil. Ofício de 13 de dezembro de 1826.

"Deus havia lhe dado uma alma toda brasileira."

Monsenhor José Joaquim da Fonseca Lima  
Oração Fúnebre à Imperatriz Leopoldina



# Missão Científica

Após a expulsão dos holandeses, Portugal tomou como política de Estado vedar o acesso ao Brasil a todo estrangeiro, proibindo, inclusive, a publicação de qualquer notícia ou referência às terras americanas.

Tal política de Estado foi eficazmente seguida por várias gerações, desde meados do século XVII até o decreto da Abertura dos Portos, primeiro ato assinado pelo Príncipe Regente D. João, durante sua estadia em Salvador, em 1808.

A abertura coincidia com um momento difícil para os naturalistas europeus, em função das guerras napoleônicas, e despertou um enorme interesse científico no mundo para com a América.

Paralelo a esse contexto mundial, a Princesa D. Leopoldina, desde sua primeira juventude, ainda com cerca de quatorze anos de idade, passou a demonstrar um especial interesse pelas ciências naturais, especialmente pela geologia e pela botânica.

Assim sendo, em 1817, quando do anúncio do casamento da Arquiduquesa da Áustria, D. Leopoldina com D. Pedro I, imediatamente organizou-se, sob os auspícios da Coroa Austríaca, aquela que viria a ser a principal expedição científica ao interior das desconhecidas (para a ciência) terras brasileiras.

# Austríaca de 1817

Em 9 de abril de 1817, depois de concluídos os longos preparativos, um grupo de cientistas embarcou em Trieste, rumo ao Rio de Janeiro, nas fragatas *Áustria* e *Augusta*.

Na fragata *Áustria* encontravam-se Mikan e sua esposa, Thomas Ender, Spix e von Martius. Na fragata *Augusta* embarcaram, em Trieste, Natterer, Schott e Sochor.

Pela primeira vez, navios da marinha de guerra austríaca zarpariam para além-mar; primeiro tiveram de adquirir em Paris os mapas e as instruções de navegação.

Faltavam instrumentos de navegação. Em todo o arsenal da Marinha Real e Imperial em Veneza havia apenas um cronômetro, e estava com defeito. Então, durante a viagem, tiveram de adquirir um cronômetro em Gibraltar. O comandante da Marinha emprestou um sextante de sua propriedade.



A bordo da Fragata *Áustria*, por Thomas Ender

*"É de conhecimento público que Sua Majestade, por ocasião do casamento de Sua Alteza, a Arquiduquesa Leopoldina, Alteza Imperial, e da viagem de Sua Alteza para o Brasil, na primavera de 1817, houve por bem enviar também para aquele país alguns naturalistas e artistas com a missão de observar as tão pouco conhecidas curiosidades da natureza daquela terra, e enviar desenhos líeis e coleções de objetos para enriquecimento de nossas Imperiais e Reais instituições, para que deste modo um acontecimento tão feliz para o coração paterno do monarca seja também um benefício perene para a ciência."*

Assim foi noticiada, em 1817, em Viena, a partida da expedição mais bem equipada, e mais aventureira, para a maior porção de terras até então desconhecidas do globo.

Do Império Austríaco, foram escolhidos: **Johann Christian Mikan**, médico e professor de botânica da universidade de Praga, a quem foi entregue o encargo de ser o chefe da missão; **Thomas Ender**, pintor que acompanharia a expedição como paisagista; **Johann Natterer**, assistente do Conservador do Gabinete Imperial de História Natural; **Dominik Sochor**, zoólogo; **Heinrich Wilhelm Schott**, chefe dos jardins do Palácio do Belvedere em Viena, com encargo de coletar plantas vivas para o parque do palácio de Schönbrunn; **Johann Emanuel Pohl**, mineralogista e botânico da universidade de Praga; e **Johann Buchberger**, pintor naturalista.

Do Reino da Baviera vieram os naturalistas:

**Johan Baptist von Spix**, zoólogo; e **Carl Philipp von Martius**, botânico.

E do Grão-Ducado da Toscana seguia:

**Giuseppe Raddi**, botânico e zoólogo.





Mikan, Shott e Buchberger seguiram pela mata do litoral até Cabo Frio;

Ender, Spix e Martius partiram para São Paulo;

Natterer, Sochor e Pohl exploraram a província do Rio de Janeiro.

Por problemas de saúde, Ender e Buchberger voltaram para a Europa em 1º de junho de 1818, juntamente com Mikan, levando diversos animais vivos.

Schott permaneceu no Rio de Janeiro preparando as plantas colhidas.

Pohl seguiu para Minas Gerais e Goiás fazendo pesquisas mineralógicas.

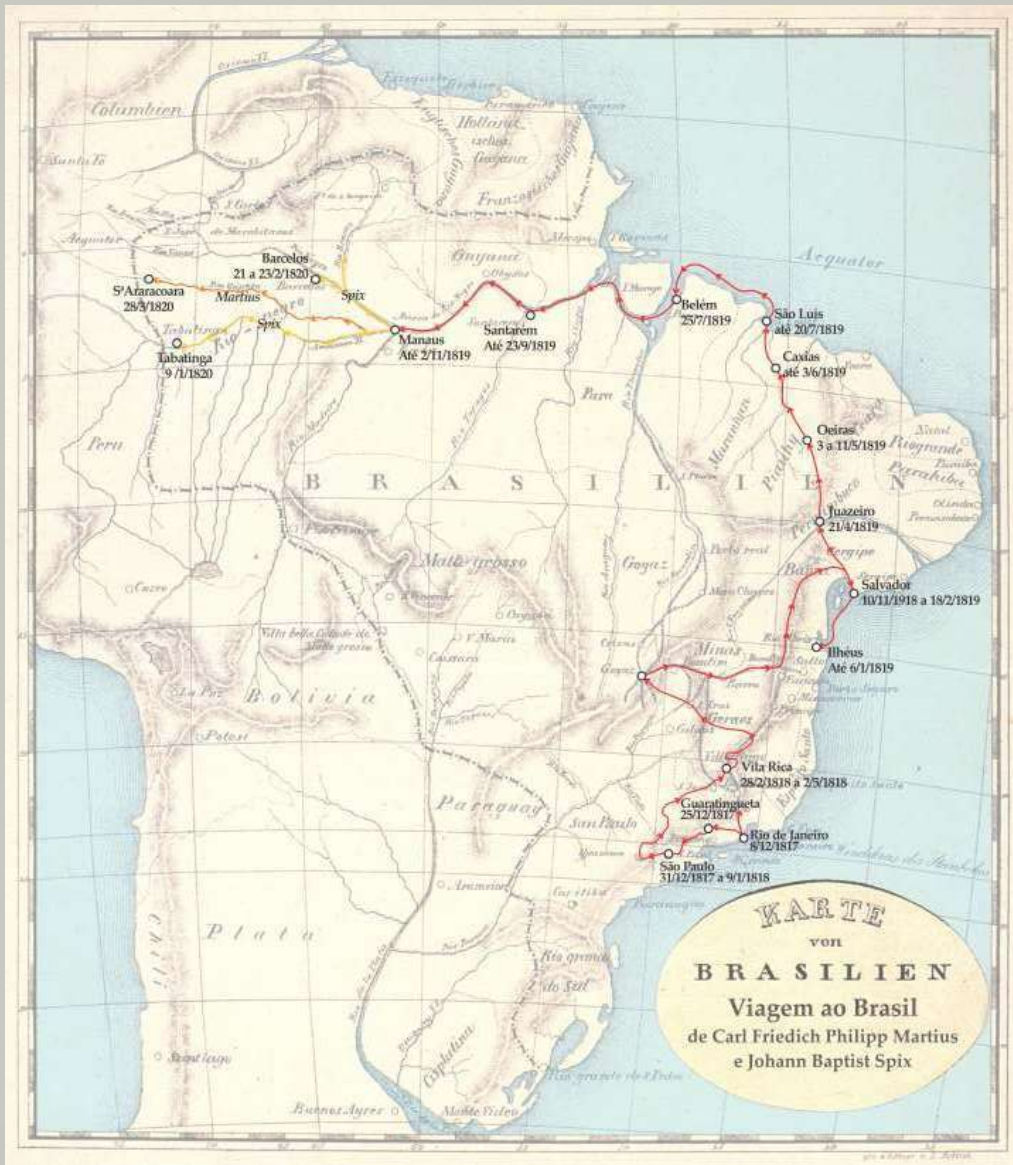
Natterer foi para o Mato Grosso.

Pohl, após cinquenta meses de viagens, regressou ao Rio de Janeiro em fevereiro de 1821, com 111 caixotes de material coletado. Embarcou para Viena com cerca de duzentos animais vivos e quase 1.600 espécies de plantas cultivadas por Schott. Acompanharam o mineralogista dois botocudos: João, com 20 anos de idade, e Francisca, com 21.



Natterer e Sochor seguiram desbravando o Brasil. Sochor faleceu em 13 de dezembro de 1826, em São Vicente - Mato Grosso, onde foi sepultado. Natterer chegou à Amazônia, subindo o rio até a fronteira com a Venezuela. Por três anos, explorou a bacia do rio Branco. Em 1835 retornou a Viena, chegando no outono de 1836, após dezoito anos de viagens. Seguiram com ele 37 grandes caixas com animais coletados, além de sua esposa, Maria do Rego, uma índia Mura, e três filhos nascidos no Brasil. A esposa e os dois filhos menores não resistiram ao primeiro inverno europeu. A filha mais velha, Gertrudes, anos depois, se casaria com um aristocrata se tornando a Baronesa Schröckinger von Neuenberg.





Em 15 de julho de 1817, desembarcam no Rio de Janeiro os jovens naturalistas bávaros Johan Baptist von Spix e Carl Philipp von Martius. Foram escolhidos pelo seu rei, Maximiliano José I, da Baviera, para compor a Missão Científica organizada pelo seu sogro, o Imperador Francisco I, da Áustria, por ocasião da vinda de sua filha Maria Leopoldina ao Brasil.

Do Rio, percorrem as terras brasileiras desde o Trópico de Capricórnio até o Equador, passando pelos Estados do Rio, São Paulo, Minas, Goiás, Bahia, Pernambuco, Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas.

Chegam ao fim de sua viagem em 26 de março de 1820, após os últimos nove meses de excursão pela imensa Amazônia. Cansados e malsarados, preparam-se para a volta à pátria distante.

Enciclopédicos que eram, acumularam vastos conhecimentos de todas as matérias: geologia, botânica, sociologia, climatologia, etnologia, economia, técnica e condições sociais.

Chegam à capital da Baviera após quase quatro anos de ausência, aos 10 de dezembro de 1820. Martius, bem jovem ainda, logo recuperou a saúde e viveria até quase 75 anos. Spix, menos robusto e mais velho, faleceria em 1826.

De 1823 a 1831, Martius faz publicar em Munique a sua valiosa obra *Reise in Brasilien*, acrescida de um atlas contendo valiosas, belas e inúmeras ilustrações, além de um feixe de canções primitivas. A longa vida de Martius permitiu-lhe lançar vários outros trabalhos sobre o Brasil, que ele tanto amou, inclusive *Flora Brasiliensis*, obra monumental, continuada por Eichler e cujo último fascículo veio à luz apenas em 1906.





# Spix e Martius



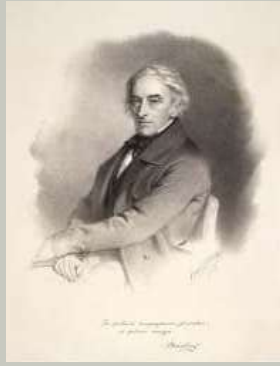
Johann Baptist von Spix

(1781 em Hochstadt an der Aisch - 1826 em Munique)

Zologo, naturalista e paleontólogo, Johann Baptist von Spix era desde 1810 o responsável pela tarefa de cuidar da coleção zoológica da Real Academia de Ciências da Baviera, em Munique.

Em companhia de von Martius, percorreu o Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Goiás, Pernambuco, Piaui, Maranhão, Pará e Amazonas. Ambos retornaram a Munique em 1820, levando anotaes e cerca de 9.000 espécies de plantas e animais (mamiferos, aves e anfíbios), material coletado ao longo da viagem. O conjunto foi a base da coleo do Museu de História Natural de Munique.

Spix morreu repentinamente aos 46 anos de idade, após a publicao do primeiro volume *Reise in Brasilien*. Seu amigo Martius supervisionou a produo dos dois últimos volumes, respectivamente editados em 1828 e 1831.

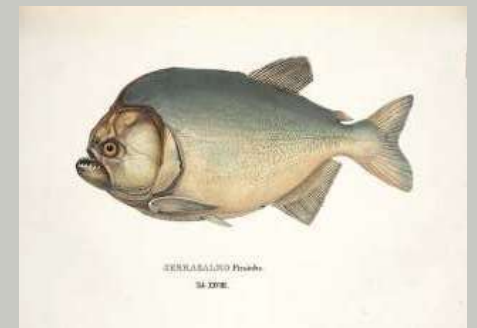


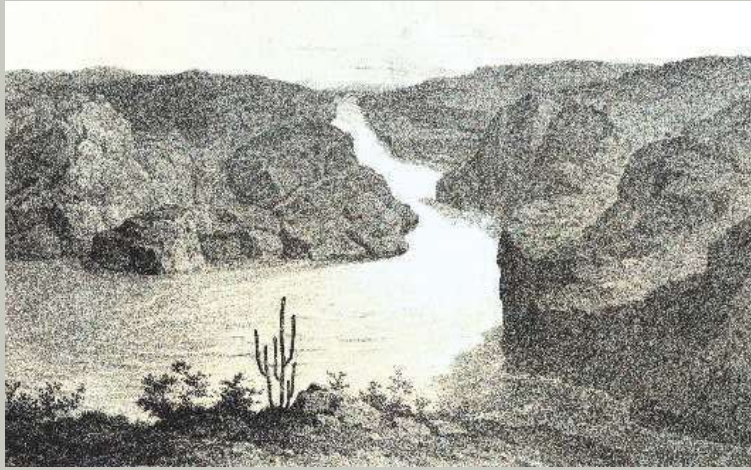
Karl Friedrich Philipp von Martius

(1794 em Erlangen - 1868 em Munique)

Médico e botânico, von Martius era assistente do Jardim Botânico de Munique desde 1814. Estudou Medicina na Universidade de Erlangen e, no último ano do curso, descobriu a Botânica, sua grande paixão. Veio ao Brasil em 1817 como membro da Expedio Austriaca, graças  interveno do rei da Baviera, Maximiliano José I. A época contava com 23 anos de idade.

Durante sua vida, von Martius sempre se declarou e se mostrou um amigo do Brasil, escrevendo diversos estudos sociológicos, antropológicos e linguísticos acerca do Brasil. Foi ele quem ganhou o concurso internacional, patrocinado pelo IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), em 1840, sobre como se deveria escrever a História do Brasil. Em sua monografia, von Martius defende a tese de que a História do Brasil somente poderá ser escrita se levar em considerao a participao dos elementos português, indígena e africano na composio da nao brasileira.







# Thomas Ender



## Thomas Ender

(1793 - 1875 em Viena)

Foi um premiado pintor, aquarelista, gravador e desenhista, dedicando-se especialmente à pintura de paisagem em aquarela. Estudou na Academia de Belas-Artes de Viena, onde recebeu vários prêmios, com destaque para o Grande Prêmio de Pintura, de 1817, na categoria paisagem. O quadro premiado foi adquirido pelo Príncipe von Metternich (1773-1859), que se tornou seu principal patrocinador.

Foi indicado por Metternich para fazer parte da Expedição Científica de História Natural que acompanhou a comitiva austríaca da arquiduquesa Leopoldina. No Brasil, integrou-se a Spix e Martius, percorrendo com eles a região do Rio de Janeiro e São Paulo, onde registrou diversas paisagens e cidades. No entanto, ao regressar ao Rio de Janeiro, adoeceu gravemente, o que o levou a retornar à Áustria mais cedo, em 1818, levando consigo cerca de 700 desenhos e aquarelas relativos à viagem, que, em grande parte, encontram-se hoje no Gabinete de Gravuras da Academia de Belas-Artes de Viena.



Rio de Janeiro. Vista do Convento de Santo Antônio



Rio de Janeiro. Vista da Rua do Catete e vale das Laranjeiras



"Sempre a cavalo, desde a madrugada até o fim da tarde. Acampados a meio do caminho em barracas improvisadas, o pavor era das chuvas e das onças, cujos miados assustavam cavaleiros e cavalgaduras. Contra estas o remédio era rodear o acampamento de fogueiras. Mais tarde, numa fazenda acolhedora, ouvem canções de Tomás Antônio Gonzaga, falecido no exílio poucos anos antes, tiradas em especial de sua obra *Marília de Dirceu*."



Rio de Janeiro. Vista do começo do Aqueduto para a cidade

5/10+



Minas Geraes. Villa Rica, atual Ouro Preto

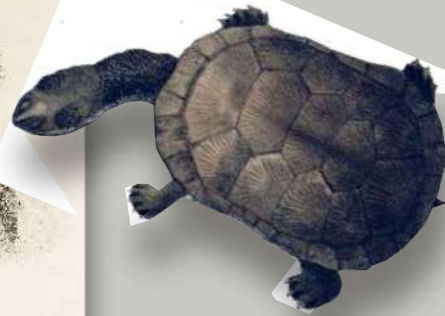
5/10+



Goyaz. Vista da Serra das Figuras, no rio Maranhão



# Johann Christian Mikan



## Johann Christian Mikan

(1769 em Teplitz - Boêmia , 1844 em Praga)

Médico e botânico, catedrático de botânica em Praga desde 1796.

Sua escolha para chefiar a missão deu origem ao primeiro conflito da missão tendo em vista que Natterer se julgava apto ao posto.

Tendo aportado no Rio de Janeiro em 14 de junho de 1817, Mikan imediatamente pôs-se a trabalhar.

Foi encarregado de voltar à Europa em junho de 1818, acompanhando o primeiro carregamento de materiais coletados no Brasil. Acompanharam-na sua mulher, os pintores Ender e

Buchberger, o primeiro doente e o segundo gravemente ferido, e o professor Raddi.

Publicou os resultados da sua viagem na obra *Delectus Florae et Faunae Brasiliensis*, em 1820, que contém belas ilustrações, muitas das quais da lavra de Buchberger, outro membro da expedição, onde descreve pela primeira vez inúmeros os animais e plantas brasileiros. A obra, contudo, devido ao seu pouco volume, não traduz o vulto da diversidade brasileira.



# Johann Natterer

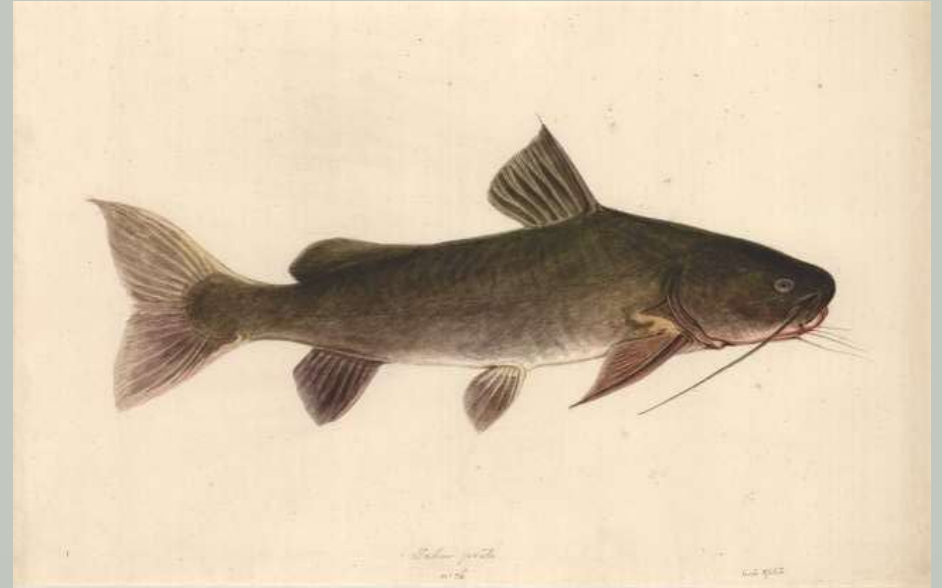
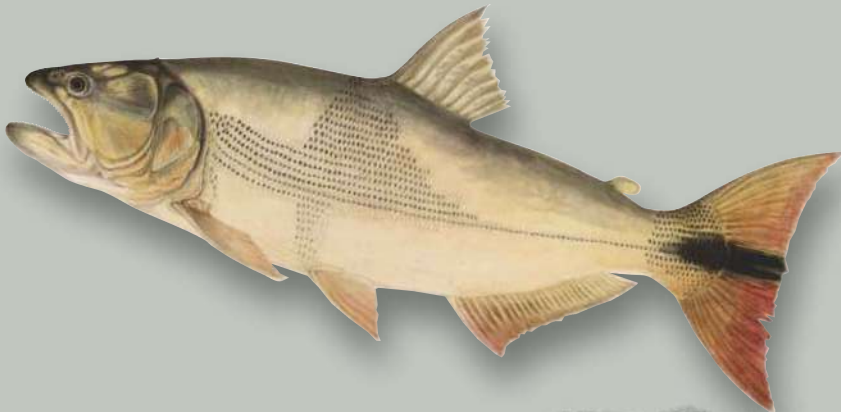


## Johann Natterer

(1787 no Castelo Imperial de Luxemburgo - 1843 em Viena)

Oriundo de uma família de servidores imperiais, desde 1809, era assistente no Departamento de Zoologia do Real e Imperial Gabinete de História Natural. Em 1815, em companhia de von Schreibers, prestou relevantes serviços quando foram a Paris recuperar as obras de arte das bibliotecas e dos objetos do Imperial e Real Gabinete de Moedas e Antiquidades saqueadas em 1809 por Napoleão Bonaparte.

Natterer foi o expedicionário que por mais tempo permaneceu no Brasil, 18 anos, voltando à Europa apenas em 1835. Percorreu inacreditáveis distâncias, tendo sido o que maior acervo amou: 1.146 mamíferos, 12.293 pássaros, 1.678 anfíbios, 1.621 peixes, 32.825 insetos, 409 crustáceos, 951 conchas, 73 moluscos, 1.729 vidros com helmintos, 42 preparações anatômicas, 192 crânios, mais de 1.700 armas e instrumentos (objetos etnológicos), 242 sementes, 138 amostras de madeira, 430 minerais e 216 moedas. A maioria desses objetos encontra-se ainda hoje nos museus de História Natural e Etnológico de Viena. O morcego *Myotis Nattereri* (Kuhl, 1817) recebeu este nome em homenagem ao naturalista.





# J. E. Pohl


































## Johann Emanuel Pohl

(1782 em Kamenice, Boêmia - 1834 em Viena)

Médico, geólogo e botânico, professor na Universidade de Praga. Conservador do Real e Imperial Gabinete de História Natural e do Imperial Museu do Brasil, em Viena.

Originalmente, na divisão de funções do grupo, era o responsável pela mineralogia, no entanto depois do retorno de Mikán, assumiu também a responsabilidade pela botânica. Empreendeu uma viagem de 4 anos pelo interior do Brasil, atravessando o Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás. De sua viagem, publicou *Viagem no Interior do Brasil - Empreendida nos Anos de 1817 a 1821 e Publicada por Ordem de Sua Majestade o Imperador da Áustria Francisco Primeiro*, uma obra em dois volumes ilustrados por Thomas Ender, além da obra científica *Plantarum Brasiliae icones et descriptiones hactenus ineditae*.



1.  Museu Histórico Nacional / IBRAM / MinC / Autorização nº 043/2017
2.  Charles Landseer / Coleção Highcliffe Album / Acervo: Instituto Moreira Salles
3.  Museu de História Natural de Viena. Autor: Johann Natterer
4.  Franz Joseph Frühbeck / Coleção Martha e Erico Stickel / Acervo: Instituto Moreira Salles
5.  Museu Histórico Nacional / IBRAM / MinC / Autorização nº 043/2017
6.  Franz Joseph Frühbeck / Coleção Martha e Erico Stickel / Acervo: Instituto Moreira Salles
7.  Museu de História Natural de Viena. Autor: Johann Natterer
8.  Franz Joseph Frühbeck / Coleção Martha e Erico Stickel / Acervo: Instituto Moreira Salles
9.  Franz Joseph Frühbeck / Coleção Martha e Erico Stickel / Acervo: Instituto Moreira Salles
10.  Museu Histórico Nacional / IBRAM / MinC / Autorização nº 043/2017
11.  Imagem integrante do acervo do Museu de Arte do Rio (MAR) / Secretaria Municipal de Cultura da cidade do Rio de Janeiro. Autor: Barckhan Bolt. Foto: Thales Leite
12.  Museu Imperial/ IBRAM / MinC
13.  Museu Histórico Nacional / IBRAM / MinC / Autorização nº 043/2017
14.  Museu Paulista / USP. Foto: José Rosael
15.  Imagem integrante do acervo do Museu de Arte do Rio (MAR) / Secretaria Municipal de Cultura da cidade do Rio de Janeiro. Autor: Barckhan Bolt. Foto: Thales Leite
16.  Fundação Romão Duarte
17.  Carl Friedrich Philipp von Martius / Coleção Martha e Erico Stickel / Acervo: Instituto Moreira Salles
18.  Carl Friedrich Philipp von Martius / Coleção Martha e Erico Stickel / Acervo: Instituto Moreira Salles
19.  Museu Imperial/ IBRAM / MinC
20.  Kapa Editorial / José Paulo Monteiro Soares e Cristina Ferrão. Autor: Thomas Ender
21.  Kapa Editorial / José Paulo Monteiro Soares e Cristina Ferrão. Autor: Thomas Ender
22.  Museu Histórico Nacional / IBRAM / MinC / Autorização nº 043/2017
23.  Acervo Biblioteca Nacional
24.  Carl Friedrich Philipp von Martius / Coleção Martha e Erico Stickel / Acervo: Instituto Moreira Salles
25.  Carl Friedrich Philipp von Martius / Coleção Martha e Erico Stickel / Acervo: Instituto Moreira Salles
26.  Carl Friedrich Philipp von Martius (atribuído a) / Coleção Martha e Erico Stickel / Acervo: Instituto Moreira Salles
27.  Carl Friedrich Philipp von Martius / Coleção Martha e Erico Stickel / Acervo: Instituto Moreira Salles
28.  Museu de História Natural de Viena. Autor: Johann Natterer
29.  Museu de História Natural de Viena. Autor: Johann Natterer
30.  Museu de História Natural de Viena. Autor: Johann Natterer
31.  Carl Friedrich Philipp von Martius / Coleção Martha e Erico Stickel / Acervo: Instituto Moreira Salles



**Mesa Diretora da Câmara dos Deputados**  
 Presidente  
**Rodrigo Maia (DEM/RJ)**  
 1º Vice-Presidente  
**Fábio Ramalho (PMDB/MG)**  
 2º Vice-Presidente  
**André Fufuca (PP/MA)**  
 1º Secretário  
**Giacobo (PR/PR)**  
 2º Secretária  
**Mariana Carvalho (PSDB/RO)**  
 3º Secretário  
**JHC (PSB/AL)**  
 4º Secretário  
**Rômulo Gouveia (PSD/PB)**  
 Suplentes  
**Dagoberto (PDT/MS)**  
**César Halum (PRB/TO)**  
**Pedro Uczai (PT/SC)**  
**Carlos Manato (SD/ES)**  
 Procurador Parlamentar  
**Carlos Marun (PMDB/MS)**  
 Corregedor Parlamentar  
**Evandro Gussi (PV/SP)**  
 Diretor-Geral  
**Lucio Henrique Xavier Lopes**  
 Secretário-Geral da Mesa  
**Wagner Soares Padilha**

**COORDENAÇÃO DO PROJETO**  
**Secretaria de Comunicação Social**  
**Centro Cultural Câmara dos Deputados**  
 Secretário de Comunicação Social  
**Márcio Marinho (PRB/BA)**  
 Diretora Executiva de Comunicação Social  
**Gisele Azevedo Rodrigues**  
 Diretor do Centro Cultural  
**Wesley Vasconcelos**  
 Núcleo de História, Arte e Cultura  
 Coordenação  
**Clarissa de Castro**  
 Curadoria  
**José Theodoro Mascarenhas Menck**  
 Montagem e Manutenção da Exposição  
**André Ventorim | Edson Caetano | Paulo Titula | Wendel Fontenele**  
 Projeto Gráfico  
**Ely Borges**  
**Isabel Martins Flecha de Lima**  
**Tatiana Queiroz (estagiária)**  
 Núcleo de Museu  
 Coordenação  
**Marcelo Sá de Sousa**  
 Assessoria de Imprensa, Divulgação e Publicidade  
**Secretaria de Comunicação Social**  
 Material Gráfico  
**Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA**  
 Fotografia  
**Taísa Viana**  
**Fotografia Institucional Câmara dos Deputados**

#### Agradecimentos

Arquivo Nacional | Centro de Documentação e Informação - Câmara dos Deputados | Embaixada da Áustria  
 Museu de História Natural de Viena | Instituto Romão Duarte | Instituto Moreira Salles | Museu de Arte do Rio  
 Museu Histórico Nacional - IBRAM | Museu Imperial - IBRAM | Museu Mariano Procópio  
 Museu Nacional - UFRJ | Museu Paulista - USP | TV Senado

Informações: 0800 619 619 – [cultural@camara.leg.br](mailto:cultural@camara.leg.br)  
 Palácio do Congresso Nacional – Câmara dos Deputados  
 Anexo 1 – Sala 1601 – CEP 70.160-900 – Brasília/DF  
<http://www.camara.leg.br/centrocultural>

Brasília, outubro de 2017





Centro Cultural  
Secretaria de Comunicação Social

